

Tá na cabeça, tá na web! Significados simbólicos e historicidade do uso do turbante no Brasil

It's on the head, it's on the web! Symbolic meanings and historicity of the use of the turban in Brazil

[DULCILEI DA CONCEIÇÃO LIMA]

Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais na UFABC.

E-mail: dulcilima78@gmail.com

[resumo] Em fevereiro de 2017 as redes sociais foram bombardeadas pelo debate acerca da apropriação cultural, tendo sido o uso do turbante o catalisador da polêmica. A discussão se concentrou em torno da validade ou não do conceito de apropriação cultural, mas pouco se discutiu sobre os significados da peça em disputa. Este artigo se propõe a abordar o uso do turbante numa perspectiva histórica, seus significados simbólicos e os elementos em disputa em torno de seu uso recentemente disseminado.

[22]

[palavras-chave]

turbante no Brasil; cabelo crespo; transição capilar; estética negra; mulheres negras.

[abstract] In February 2017 social networks were flooded with the debate about cultural appropriation, and the use of the turban was the catalyst for the controversy. The discussion focused on the validity or otherwise on the concept of cultural appropriation, but little was discussed about the meanings of the play in dispute. This article proposes to address the use of the turban in a historical perspective, its symbolic meanings and the elements in dispute over its recently disseminated use.

[keywords] Turban in Brazil; curly hair; hair transition; black esthetics; black women.

Não foi a primeira vez que o uso do turbante gerou controvérsia na internet, mas em fevereiro de 2017 o debate ganhou grandes dimensões por ter sido iniciado após o relato de uma moça em tratamento de um câncer.

O caso

Em 4 de fevereiro de 2017, T.C.¹ publicou em sua página no Facebook o post abaixo, acompanhado de uma fotografia:

Vou contar o que houve ontem, pra entenderem o porquê de eu estar brava com esse lance de apropriação cultural:

Eu estava na estação com o turbante toda linda, me sentindo diva. E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo " olha lá a branquinha se apropriando dá nossa cultura", enfim, veio uma falar comigo e dizer que eu não deveria usar turbante porque eu era branca. Tirei o turbante e falei "tá vendo essa careca, isso se chama câncer, então eu uso o que eu quero! Adeus.", Peguei e sai e ela ficou com cara de tacho. E sinceramente, não vejo qual o PROBLEMA dessa nossa sociedade em, meu Deus!

#VaiTerTodosDeTurbanteSim

Em pouco tempo se instalou um debate acerca da legitimidade do conceito de apropriação cultural e de quem estaria ou não autorizado a utilizar o turbante. Postagens no Facebook, Twitter, textos em blogs e sites, vídeos no YouTube inundaram as redes e o assunto se tornou pauta de grandes veículos de comunicação.

As opiniões se dividiram entre aqueles que apoiaram T., fazendo acusações às militantes negras, contestando a validade da apropriação cultural, e aqueles que se posicionaram de forma contrária à atitude da moça, inclusive reafirmando que o uso do turbante está restrito às pessoas negras e que qualquer outra fora desse grupo étnico que viesse a usar o acessório estaria praticando apropriação.

Este artigo pretende se debruçar sobre o uso do turbante numa perspectiva histórica, seus significados simbólicos e os elementos em disputa em torno de seu uso. Entretanto, cabe antes uma breve conceituação sobre o termo *apropriação cultural*.

"Black culture is popular, black people are not"

B. Easy (em sua conta no Twitter: @lifewannaB_Easy)

É som de preto
De favelado
Mas quando toca ninguém fica parado
O nosso som não tem idade, não tem raça e não tem cor
Mas a sociedade pra gente não dá valor
Só querem nos criticar pensam que somos animais
Amilcka e Chocolate (*Som de preto*)

Embora o termo apropriação cultural tenha se popularizado recentemente através das redes sociais, não é uma novidade, nem restrito ao ambiente virtual.

O debate a respeito de como elementos culturais constitutivos de determinados grupos subalternizados é tornado exótico, transformado em mercadoria e comercializado pelos grupos dominantes é anterior a existência da própria internet e já foi explorado por diferentes áreas das ciências humanas. Um exemplo, o historiador Roger Chartier, abordou o tema da apropriação no livro *A história cultural: entre práticas e representações* cuja 1ª edição em língua portuguesa é de 1988 (o livro reúne textos publicados entre 1982 e 1986).

[24]

Sobre o modo como "poderes dominantes" se apropriam da cultura dos dominados e a utilizam como forma de controle e dominação de seus próprios criadores, Chartier argumenta:

[...] a cultura da maioria pode em qualquer época, em virtude de uma colocação à distância, construir um lugar ou instaurar uma coerência própria nos modelos que lhe são impostos, à força ou com a sua concordância, pelos grupos ou pelos poderes dominantes. [...] os dispositivos, discursivos ou institucionais, que numa sociedade têm por finalidade esquadriñar o tempo e os lugares, disciplinar os corpos e as práticas, modelar, pelo ordenamento regulado dos espaços, as condutas e os pensamentos. Estas tecnologias da vigilância e da inculcação têm de facto de estar em sintonia com as táticas de consumo e de utilização daqueles que elas têm por função modelar. (CHARTIER, 2002, p. 60)

O historiador nos apresenta um cenário em que a produção cultural de grupos subalternizados pode vir a ser utilizada pelos dominantes como manutenção do *status quo*.

A apropriação cultural debatida nas redes sociais é quase sempre mobilizada por pessoas negras indignadas com o uso de elementos de sua cultura, frequentemente símbolos associados à luta antirracista e tidos por militantes

como signos de elevação da autoestima, empoderamento e valorização do ser negro numa sociedade pautada pelo racismo e ainda muito refém do mito da democracia racial. Este último se manifesta nesses debates frequentemente sob a alegação de que aquilo que ativistas chamam de apropriação é na verdade troca cultural, algo natural e legítimo, razão pela qual não haveria lastro na indignação das pessoas negras.

Não há nesse texto a intenção de negar a existência das trocas culturais, elas são parte da condição humana. O que se coloca em xeque são as dinâmicas de poder que se perpetuam por meio da prática do uso de elementos da cultura do outro.

Segundo Luciana Bortolozo (2016),

[...] a problemática surge no momento em que indivíduos pertencentes a grupos sociais dominantes se utilizam de particularidades culturais de grupos menos favorecidos, sem que façam parte do grupo ou mesmo tenham qualquer entendimento sobre a cultura, ainda mais considerando que tal bem apropriado é, na maioria das vezes, sagrado para a comunidade e explorado, por outra, na moda, como entretenimento ou para fins comerciais.

[25]

Tal prática é bastante difundida especialmente na indústria da moda, do entretenimento e do turismo. Esses setores frequentemente ignoram a realidade social dos grupos geradores dos elementos culturais dos quais estão se apropriando (ver citação que inicia este tópico), ficam com o crédito e com os lucros da comercialização desses elementos, além de os esvaziar de seu sentido original. Bortolozo (2016) dá vários exemplos de casos emblemáticos de apropriação cultural, como o de Elvis Presley "apontado como apropriador das músicas, atitudes e movimentos de danças da cultura negra".

Mas não se trata apenas de uma questão comercial, ou da falta de atribuição de créditos, mas o que ativistas negros no Brasil denunciam especialmente nesses casos de apropriação é o esvaziamento de sentido, a deturpação de símbolos de luta².

É por meio de práticas culturais como o candomblé, a capoeira, os dreadlocks, o uso do turbante e de imagens de personalidades negras históricas (estampadas em camisetas, por exemplo) que pessoas negras no Brasil (especialmente aquelas ligadas aos movimentos negros) buscam "afirmação social e identitária". Tais práticas são estratégias de enfrentamento à cultura hegemônica, ao racismo e ao adoecimento emocional decorrente dele (PINHEIRO, 2015, p.4).

Por isso, para muitos grupos que se utilizam desses elementos culturais inapropriadamente não só descaracterizam o simbolismo e a representatividade da cultura negra como "roubam" desses grupos a autenticidade das práticas e do envolvimento político atrelado a elas. (PINHEIRO, 2015, p. 4)

O uso indiscriminado e inapropriado de símbolos de resistência da cultura negra por grupos socialmente dominantes recai, portanto, naquilo que vimos em Chartier: a manutenção de uma dinâmica de poder, no caso brasileiro, a manutenção do domínio de brancos sobre negros, a perpetuação do nefasto mito da democracia racial (PINHEIRO, 2015).

Significados simbólicos da cabeça, cabelos e turbantes no processo identitário de negros e negras

Cor da pele e cabelo se constituem como os principais elementos identitários de negros e negras no Brasil. O cabelo, especialmente, guarda uma profunda marca identitária, pois "imprime a marca da negritude nos corpos", por essa mesma razão é ainda considerado pelo senso comum como elemento de inferioridade (GOMES, 2002, p. 7).

Nilma Lino Gomes aponta a centralidade do par corpo e cabelo no processo de positivação da negritude brasileira,

o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. (2002, p. 2)

[26]

Recentemente o cabelo voltou a ser protagonista de um processo de valorização da estética negra, chegando a ter uma marcha³ dedicada à valorização dos fios naturais e o combate ao modo preconceituoso como os cabelos crespos são percebidos pela sociedade brasileira (MALTA; OLIVEIRA, 2016).

Nas redes se multiplicam textos, imagens e tutoriais que valorizam a estética negra por meio do incentivo ao abandono do alisamento dos cabelos e o uso do cabelo natural. Soma-se a esse processo o surgimento de dicas e produtos de maquiagem para peles negras, vestuário e acessórios que têm inspiração na cultura africana/afro-brasileira (uso de tecidos africanos ou com estampas de motivos africanos/afro-brasileiros em roupas e turbantes).

Nilma Lino Gomes (2002), ao realizar um estudo etnográfico em salões de beleza negra de Belo Horizonte (MG), constatou que negros e negras possuem uma forma peculiar de relacionamento com seus cabelos. O modo como a população negra manipula seu cabelo revela "um aprendizado constante sobre as relações raciais" (p.5) e pode indicar a distorção ou resignificação da autoimagem, a destruição ou manutenção de estereótipos, o reforço ou rompimento de hierarquias raciais.

Esse processo não tem sido feito sem grandes enfrentamentos, basta acompanhar as denúncias de mulheres negras hostilizadas em entrevistas de emprego ou forçadas, por seus empregadores, a alisar os cabelos⁴. Tais denúncias desvelam o racismo contido na reprovação ao cabelo natural da população negra.

O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre um sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2002, p. 3)

Mas que relação há entre cabelos crespos e turbantes? Cabeça, cabelo e turbante estão em profunda conexão simbólica na cultura afro-brasileira.

Segundo Raul Lody (2004, p. 19), "o espaço da cabeça identifica a pessoa. A cabeça e os cabelos têm esse poder sobre as pessoas: quem é, o que faz, qual o seu lugar no grupo, na sua comunidade, na sociedade".

Lody (2004) destaca a variedade e a complexidade de penteados dos povos africanos e de negros brasileiros. Entre as inúmeras possibilidades de materiais utilizados para adornar os fios – como contas, conchinhas, fios e barro (especialmente em território africano) – estão os tecidos que, amarrados à cabeça, tomam a forma de turbantes.

As múltiplas formas de amarração carregam significados sociais e religiosos. O turbante também protege a cabeça do sol em regiões muito quentes e resguarda o orí (cabeça) do iniciado do candomblé (SOUZA, 2007).

[27]

Raul Lody é categórico ao afirmar a influência da cultura africana na cabeça dos negros-brasileiros, os penteados e turbantes são, na opinião do autor, "um dos nossos fortes elos com a África e [...] um modo criativo de ser 'africano' no Brasil" (LODY, 2004, p. 19).



Escravas negras de diferentes nações, de Jean Baptiste Debret (1768-1848).

Variedade de penteados e adornos nos cabelos. Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Em matéria publicada pelo *Estadão* em 13 de março de 2017, a estilista Rogéria Ferreira relata a luta que precisou travar contra o Detran do Rio de Janeiro para que pudesse estar com seu turbante na fotografia da carteira de habilitação. Na reportagem, a estilista conta que começou a utilizar o adereço em homenagem à sua falecida avó:

Minha avó nunca alisou o cabelo. Cuidava, tinha todo um ritual, e depois colocava o turbante. Um dia eu perguntei: "Porque a senhora tem um trabalho danado para cuidar do cabelo e amarra um pano?" Ela falou: "Filha, esse pano faz parte de mim. Estar sem lenço é como estar sem roupa. O turbante faz parte da nossa linhagem". Essa história não pode ser perdida. Se você não entende, não faz mal. Respeite.

O relato de Rogéria Ferreira demonstra que o turbante não é um mero adereço utilizado pela população negra no Brasil, mas uma extensão do próprio cabelo crespo, um elemento identitário repleto de significados que evoca certas tradições da cultura afro-brasileira e sua historicidade.

A cultura afro-brasileira é também fortemente marcada por elementos das religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Expressões como "fazer a cabeça", "bater cabeça", "dono da cabeça" são oriundas de aspectos ritualísticos dessas religiões e demonstram a relevância simbólica do espaço da cabeça na cultura afro-brasileira. O turbante, como um adorno da cabeça, é um dos componentes indispensáveis do vestuário religioso no candomblé e na umbanda.

[28]

Raul Lody (2004) evoca a figura da baiana do acarajé como um exemplo de traje carregado de aspectos da cultura negra. A vestimenta da baiana, bem como seus balangandãs, colares e turbante são indissociáveis das origens do candomblé baiano e do ofício das escravas de ganho (ganhadeiras). A narrativa impressa no vestuário da baiana nos conta sobre a relação entre as quituteiras e vendeiras escravizadas ou libertas que perambulavam pelas ruas de Salvador e o trânsito que promoviam entre a cidade e os terreiros de candomblé recém-surgidos. O próprio acarajé (comercializado pelas baianas) é "comida de terreiro" associado à orixá Iansã.



Vendedora de acarajé com trajes tradicionais reconhecidos como patrimônio cultural do Brasil pelo IPHAN em 2005. Fonte: MinC.

As “ganhadeiras” ou “vendeiras” que comercializavam tecidos, alimentos, utensílios de palha, charutos, colares de contas e outros produtos nas ruas de Salvador do século XIX reproduziam uma prática comum das mulheres iorubanas, grandes negociantes que dominavam a paisagem das feiras e mercados em terras africanas. O território das feiras, como o território urbano onde as ganhadeiras comercializavam seus produtos em terras brasileiras, não era apenas um espaço de trocas comerciais, mas também de trocas simbólicas: “notícias, modas, receitas, músicas, danças” (BERNARDO, 2005,p. 2).

A circulação espacial promovia a circulação de bens simbólicos e esse cenário foi propício para trocas culturais entre diferentes etnias, inclusive entre praticantes do Islã e praticantes do culto aos orixás, mas também forneceu a oportunidade para o surgimento dos primeiros terreiros de candomblé. A observação comparativa entre vestes litúrgicas do candomblé, das ganhadeiras do século XIX e da tradicional roupa da baiana do acarajé possuem muitos elementos em comum, o turbante é apenas uma delas.

[29]



Escravas de ganho, cerca de 1860. Imagem da esquerda de autor desconhecido, acervo Museu Imperial de Petrópolis. Imagem da direita de autoria de Christiano Júnior, coleção particular.



Adeptas do candomblé durante a Lavagem do Bonfim.

Foto: Soteropoli.com

O turbante branco, geralmente utilizado pela baiana do acarajé, peça obrigatória do vestuário litúrgico de candomblecistas e umbandistas também nos remete às trocas culturais ocorridas entre africanos de origem muçulmana e povos africanos praticantes do culto aos orixás. Essa relação foi possível, graças à presença de africanos de origem muçulmana que passaram a chegar a Salvador em grandes contingentes nas últimas décadas do século XVIII quando houve um aumento considerável do tráfico de cativos iorubanos. Os africanos muçulmanos protagonizaram um dos mais importantes levantes escravos do Brasil, a insurreição Malê, ocorrida em Salvador no ano de 1835 (LOVEJOY, 2000).

A associação entre o turbante e o Islã não é simplória. Se na cabeça se situa o plano da nossa opção racional entre o que é verdadeiro, ilusório, certo, errado etc., o turbante simboliza e reforça a consciência espiritual. Na concepção muçulmana o turbante opõe-se a tudo que é profano, ele protege o pensamento sempre propenso à dispersão, ao esquecimento. (LODY, 2004, p. 79)

Mas os significados do turbante não estão restritos a um passado distante ou ao universo afro-religioso. O uso desse adorno implica também uma prática política dos movimentos negros que adotaram a África como referencial identitário, histórico, estético e simbólico.

[3º]

[...] a África se tornou um paradigma identitário que legitima costumes e práticas. Nesse sentido, representantes das religiões afro-brasileiras procuram estudar aspectos da religiosidade dos escravos, da vida cotidiana, do tráfico, consumindo a literatura acadêmica. Há muitas indicações de pais-de-santo frequentando e produzindo cursos de línguas africanas aprendendo músicas e compondo nos terreiros uma interessante reinterpretação de ritos, com um olho no passado – ao dizerem que seus antepassados o faziam daquela forma – e outro no futuro – sintonizados nas novas demandas culturais. (SOUZA, 2007, p. 36)

As tradições africanas foram tomadas pelos movimentos negros como elementos fundadores da "tradição negra" no Brasil. Essas tradições têm sido sistematicamente invocadas para contribuir na formatação da identidade do negro brasileiro como parte de um projeto político-ideológico de positivação da imagem de negros e negras e da cultura afro-brasileira (LIMA, 2011). Tal projeto está pautado por alguns conceitos, como o *quilombismo*, o *afrocentrismo* e o *pan-africanismo*.

O Quilombismo, cujo principal formulador foi Abdias do Nascimento⁵, se baseia na ideia de que o Brasil foi construído pelo trabalho dos africanos, negros e mestiços. Ideia que dialoga com o movimento abolicionista do século XIX. A escravidão, portanto, tornou-se o *locus* preferencial para constituição de uma identidade negra, pois creditava-se a manutenção

do imaginário escravista às situações de discriminação e exclusão social a que o indivíduo negro estava submetido na sociedade brasileira. Fazia-se necessário, portanto, oferecer um novo viés sobre o papel do negro na escravidão, dessa forma, os quilombos e o que eles representavam como foco de resistência, concentraram os anseios dos militantes por uma representação humanizadora do negro, bem como por modelos de mobilização e luta (LIMA, 2011).

Os demais elementos do quilombismo são mais bem explicados pela conjuntura política dos anos 1980 e pela internacionalização da luta negra em conexão com alguns grandes movimentos sociais internacionais: o restabelecimento da democracia na América Latina e a defesa dos direitos humanos ameaçados pelas ditaduras instaladas na década de 1960, a luta contra o apartheid e contra as desigualdades raciais e o movimento feminista. (GUIMARÃES, 2005-2006, p. 165)

Dialogava com o quilombismo o *discurso afrocêntrico* e o *pan-africanismo*, o primeiro defende a centralidade do pensamento africano, a importância das civilizações africanas na história da humanidade, a proteção, defesa dos valores e “elementos culturais do continente tendo em vista um projeto de humanidade que de fato respeite o modo de ser africano” (BENEDICTO, 2016, p.12). O Pan-africanismo⁶ (que no Brasil teve como principal divulgador o dramaturgo e ativista Abdias do Nascimento) por sua vez clamava por uma unidade dos africanos em diáspora (fossem eles nascidos no território ou descendentes de africanos traficados).

[...] o Pan-africanismo origina-se da oposição aos tráficos escravistas nas Américas, Ásia e Europa, onde foram materializados os experimentos psicológicos e sociais que fizeram surgir movimentos de protesto e revoltas de cunho internacional que reivindicaram a libertação dos africanos escravizados, bem como a liberdade e a igualdade das populações africanas no estrangeiro. (PAIM, 2014, p. 88)

Todas essas concepções norteiam as ações e práticas políticas de pessoas negras no Brasil, especialmente aquelas que estão engajadas em algum nível de ativismo político. Encontramos esses conceitos materializados em organizações culturais, iniciativas educacionais, na criação artística, nos espaços de lazer, difundidos por textos, imagens e vídeos nas redes sociais, no desenvolvimento de produtos criados por negros para negros e também nos modos de vestir e manipular os cabelos.

O uso do turbante pela população negra está inserido nesse contexto como uma das formas de se reivindicar o pertencimento ao grupo étnico demarcado pelo processo histórico da diáspora e pela luta do movimento negro no Brasil e no exterior.

"Meu turbante, Minha coroa": transição capilar e o uso do turbante – a estética como prática política

Este é um grupo para empoderamento da mulher e homem negro. Para evitarmos debates e protagonismos desnecessário (sic). Nosso objetivo é empoderar o povo preto. As inúmeras formas de amarrar o turbante representam uma espécie de linguagem popular, podendo indicar a posição social, política, a tribo a que a pessoa pertence e até mesmo o seu humor naquele momento. Aqui nesse espaço, muito além de cultura e história do turbante queremos incentivar o uso e mostrar que é possível usá-lo em todas as ocasiões. O turbante muito mais do que moda é uma afirmação de identidade. A moda sai de moda, o estilo e a sua identidade jamais. Aqui você pode compartilhar suas amarrações, pedir e dar dicas de tecidos, onde encontrar, e trocar ideias com as pessoas que têm um mesmo interesse em comum. Afirmarem sua identidade, com o seu estilo. Queremos desmistificar o pré conceito (sic) criado no turbante. Vem com a gente!!!!

(Descrição do grupo Meu turbante, Minha coroa, no Facebook. Em 2 de junho de 2017 havia um total de 11.618 membros no grupo).

[32]

Desde o início dos anos 2010 se disseminou via redes sociais um movimento de valorização do cabelo crespo natural. Uma busca numa das redes sociais mais utilizadas pelo brasileiro, o Facebook, revela a existência de vários grupos dedicados a trocar dicas de produtos, cortes, coloração e penteados para a realização do processo de transição capilar e manutenção do cabelo crespo.

A transição capilar consiste em abandonar o uso de produtos químicos para alisamento, relaxamento, escovas progressivas, permitindo o crescimento do cabelo na sua estrutura original. Trata-se de um processo que pode abalar a autoconfiança das mulheres, pois o cabelo fica com duas texturas diferentes até o momento em que se realiza o *big chop*, corte curtinho que retira todo o cabelo que possui química (MATOS, 2016).

A disseminação recente do uso do turbante está intrinsecamente relacionada ao processo de transição capilar e assunção do cabelo crespo.

No processo de transição capilar observamos o uso de várias técnicas para cuidado dos cabelos, entre elas as de origem africana. Entre as informações e técnicas discutidas e ensinadas nas redes sociais e em eventos com ações afirmativas, observamos que as práticas de amarração de turbantes e elaboração de tranças estão sempre presentes. Essas técnicas aprofundam no

processo a ligação entre o material e o simbólico, criando um vínculo com uma cultura ancestral que foi oprimida, mas também expõe estigmas historicamente construídos. (SANTOS; SANTOS, 2016, pp. 1-2)

Além de grande aliado da transição capilar, o uso do turbante colabora na restituição da autoconfiança de mulheres negras durante esse processo. Alguns tipos de amarração ainda dão destaque aos cachos recém-conquistados.



[33]

Tutoriais no YouTube dão dicas de uso do turbante durante a transição capilar. Nas imagens (da esquerda para a direita) *Diário da transitete* e Canal *Nina Gabriella*.

Todo esse movimento estético-político pretende demarcar um outro lugar almejado pela população negra na sociedade brasileira, um lugar que não esteja marcado pela subalternidade. Trata-se do uso da estética como ferramenta de afronta ao racismo e ao padrão de beleza pautado pela branquitude eurocêntrica. Por meio dos cabelos com cores chamativas, tranças longas e coloridas, penteado *black power* e turbantes volumosos, estampados com cores vivas inspirados nos tecidos africanos se pretende ressaltar e positivar características do corpo negro tradicionalmente marcadas negativamente. De certa forma corresponde a uma retomada dos movimentos *Black Power* e *Black Is Beautiful* que teve ressonância no Brasil por meio do movimento negro, mas também de artistas como Jorge Ben Jor e Toni Tornado (PAIVA, 2015).

As frases embaladas pelo discurso “negro é lindo” se referiam àquilo que Stuart Hall (2003) denomina como políticas de transformação dos signos que começam a emergir durante os anos 1960 nos EUA. Para o autor, tratam-se de estratégias de transcodificação, surgidas quando os temas de representação e poder passam a ser centrais nas políticas dos movimentos antirracistas. Nessa perspectiva, estas estratégias buscam reverter os estereótipos estigmatizantes sobre as populações subalternizadas. Como assinala Sergio Costa (2006, p. 135), o movimento virava ao avesso a ordem simbólica dominante, que tratava as características físicas associadas ao negro como sinônimo de imperfeição estética. (PAIVA, 2015, p. 81)

[34]



Variiedade de cabelos crespos. Garotas no Baile Charme de Madureira (RJ).
Foto: Thayane Dantas. Fonte: Zona Norte ETC.



Diferentes estilos de amarração e estampas de turbantes.
Frequentadoras do quilombo urbano Aparelha Luzia (SP).
Fonte: Revista *TRIP*, março de 2017.

Os movimentos *Black Power* e *Black Is Beautiful* incentivaram a população negra a abandonar a prática de ocultação de seus traços negroides, feita, por exemplo, com o alisamento dos cabelos.

Tais movimentos buscaram promover um fortalecimento da autoestima da população negra (bastante prejudicada pela constante atribuição de características negativas às feições negras), resultando numa melhora na percepção da autoimagem de negros e negras. O turbante, por exemplo, emoldura o rosto destacando características faciais, como o nariz e a boca, que são frequentemente percebidos como grotescos, feios, pela sociedade que valoriza os traços finos e delicados atribuídos aos brancos. Dessa forma, incorporar essa peça ao vestuário requer uma grande mobilização interna, exige não apenas a mudança na percepção de sua própria imagem, mas também uma disposição para o enfrentamento ao racismo.



[35]

Variedade de cores, estampas e amarrações de turbantes combinadas com acessórios, como brincos, óculos e colares, destacam características fenotípicas dos rostos negros. Da esquerda para a direita, Thais Muniz, Annia Rizia e Luma Nascimento. Foto: Jeferson Lima. Afroguerrilha.com

A adoção de práticas estéticas que destacam as características fenotípicas negroides também se constitui num enfrentamento ao projeto de branqueamento colocado em curso (e ainda vigente) pelas elites políticas brasileiras no século XIX como forma de "melhorar" a nação.

Sendo assim, a solução para os problemas do Brasil enquanto nação seria o branqueamento da população, através do controle da reprodução. Esse processo privilegiava o padrão branco europeu e marginalizava as populações negras e indígenas, fortalecendo o pensamento racista que vinha sendo construído desde o período colonial. [...] O cabelo liso é valorizado em relação ao cabelo crespo, que é visto como "cabelo ruim". O cabelo crespo deve ser alisado para se aproximar do padrão de beleza liso, mas

jamais se igualará a ele, criando um ciclo de busca por processos que o aproximem do ideal estabelecido. Deste modo, percebemos que a construção dessas assimetrias e subordinações podem ser vistas nos padrões de valorização das características de padrão europeu dos corpos em relação às características do corpo negro e/ou miscigenado no Brasil, assim como nas imposições estéticas e tentativas de adequação desses corpos para que se encaixem nesses padrões. Várias das técnicas utilizadas para a disciplina dos corpos negros foram propostas pelo pensamento eugenista no Brasil, como modo de submeter esses corpos ao processo de branqueamento posto como necessário para a construção de uma nação brasileira. (SANTOS; SANTOS, 2016, pp. 5-7)

Esse enfrentamento ao racismo e a uma estética excludente tem sido fortalecido por meio das redes sociais através de blogs, páginas e grupos no Facebook (como o Meu turbante, Minha coroa, que – como é possível ver na descrição que abre esse tópico –, tem entre seus objetivos “empoderar o povo preto”), vídeos no YouTube e fotografias no Instagram.

Essa abundante produção, compartilhamento e trocas de informações é possível graças à Web 2.0, segunda geração de serviços on-line que ampliam as possibilidades de interação, e tem como “principais objetivos potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações” (PRIMO, 2008, p. 63). As práticas cooperativas e a interação mútua, ocupam, portanto, o eixo central da Web 2.0.

[36]

As novas tecnologias e suas ferramentas de comunicação e interação fornecem aos indivíduos oriundos de estratos sociais subalternizados a possibilidade de ampliação da criação de narrativas que contestem o discurso dominante e permitam o surgimento de múltiplas e infinitas subjetividades (LEMOS, 2009). Nesse cenário assumem papéis centrais estratégias como “a produção de imagens, a guerrilha de comunicação, as inter-relações entre arte e política. [...] como possibilidades de reinventar as identidades por meio das novas tecnologias” (GARCIA, 2015, p. 55).

[...] tais tecnologias não apenas se tornaram instrumentos de fundamental importância para a organização e articulação de [...] coletivos sociais, como também proporcionaram a formação de novos movimentos sociais e novas formas de ativismo. Estas passam a se caracterizar com base em uma atuação cada vez mais em forma de rede, pela formação de amplas coalizões e pelo enlaçamento ou agregação de grupos identitários, frequentemente segundo a geografia das comunidades culturais, linguísticas ou a identificação e compartilhamento de certos valores. (MACHADO, 2007, pp. 248-249)

A internet e as possibilidades oferecidas pela Web 2.0 forneceram terreno fértil para o “surgimento de novas formas de organização e articulação de

indivíduos e coletivos em rede" que não teriam as mesmas condições de se propagar antes desse fenômeno. Especialmente, por permitir a cada indivíduo assumir múltiplos papéis sem intermediação, de modo a estabelecer uma comunicação direta com seus interlocutores (MACHADO, 2007, p. 268).

Feministas, movimento negro, periférico, indígena, todos esses atores sociais que não encontravam espaço nos veículos de comunicação tradicionais e hegemônicos perceberam a potencialidade da internet como um "espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes" (MACHADO, 2007, p.268). Isso se deve ao barateamento dos serviços de internet, ampliação da rede, surgimento dos smartphones. Porém, há ainda grandes limitações de infraestrutura e econômicas que dificultam o acesso de brasileiros que residem em regiões mais distantes dos grandes polos urbanos (MACHADO, 2007).

Embora tenha apresentado de forma otimista a articulação de indivíduos de grupos identitários na internet, é importante esclarecer que não se menospreza o fato de que o alcance da internet e da atuação política nesse ambiente ainda são restritas devido às limitações expostas, mas também pela falta ou insuficiência de escolarização e de letramento digital.

[37]

A mesma ferramenta que tem possibilitado à população negra a mobilização de conceitos e visualidades que positivam as características do tipo negro e da cultura negra também tem sido o espaço de grandes enfrentamentos raciais para essa mesma população, é o que nos revela a polêmica do turbante.

Como vimos, não se trata apenas de um acessório, mas de um elemento que carrega em si diferentes etapas da história de africanos e seus descendentes no Brasil, de suas relações, de aspectos simbólicos provenientes de expressões religiosas, de conceitos caros ao movimento negro dentro e fora do Brasil e é signo também da ressignificação da autoestima de negros e negras.

[...] não é o ato de usar turbante que ofendem (sic) esses grupos, mas o fato de usar o turbante sem ter consciência de que para muitas comunidades o significado do turbante se mostra para além da estética, possuindo um valor simbólico no âmbito da religiosidade, de crença ou de posição social dentro dessas comunidades. E mais ofensivo ainda é utilizar-se desse símbolo para fins econômicos, como mercadoria ou valor de troca, dentro da lógica capitalista de inovação de produtos, surgimento de modas ou objetos de consumo que alimentam e empoderam o referido sistema. (PINHEIRO, 2015, p. 8)

Ao reivindicar a exclusividade do uso do turbante, a população negra no Brasil reivindica o direito à sua identidade e a todo esse arcabouço histórico e simbólico que narra as lutas – em diferentes frentes e temporalidades – contra a discriminação racial.

Considerações finais

Tendo a polêmica do turbante – ocorrida em fevereiro de 2017 nas redes sociais – como ponto de partida, este artigo teve a pretensão de discutir elementos históricos e simbólicos que envolvem esse acessório.

No Brasil, o turbante está atrelado à presença de africanos escravizados que tinham a peça como parte de seu vestuário cotidiano, as vestes tradicionais da baiana do acarajé são uma reminiscência das ganhadeiras e vendeiras que circulavam pelas ruas de Salvador até o fim do século XIX e das trocas culturais ocorridas entre africanos muçulmanos e adeptos do culto aos orixás. Essas mesmas ganhadeiras estão na origem do candomblé na Bahia e influenciam seu vestuário litúrgico que tem entre suas peças obrigatórias o turbante, fundamental para proteger o orí (a cabeça) do iniciado.

Recentemente vimos crescer o uso do turbante, associado ao processo de transição capilar como uma extensão do próprio cabelo, mas também como forma de restituir a autoestima das mulheres negras durante esse processo e dar destaque aos cachos recém-conquistados.

O incentivo ao abandono de alisamentos e outras práticas de ocultação de traços fenotípicos negros corresponde a retomada dos movimentos *Black Power* e *Black Is Beautiful* que nas décadas de 1960 e 1970 buscaram valorizar as características físicas do corpo negro, geralmente percebidos como feios pela sociedade em geral, utilizando a estética como uma prática política.

[38]

As práticas políticas por meio da estética estão também embasadas em conceitos como o Quilombismo de Abdias do Nascimento, o Afrocentrismo e o Pan-africanismo. Tais concepções norteiam as ações e práticas políticas de pessoas negras brasileiras. Esses conceitos estão materializados inclusive nos modos de vestir e manipular os cabelos.

As redes sociais têm sido importantes ferramentas do enfrentamento ao racismo feito a partir da valorização da estética negra. Em tutoriais no YouTube, imagens no Instagram, blogs, páginas e grupos no Facebook, como o Meu turbante, Minha coroa, são trocadas dicas de produtos e penteados para o processo de transição capilar e tipos de amarrações de turbantes.

O turbante, portanto, não é um mero adereço utilizado pela população negra no Brasil, mas uma extensão do próprio cabelo crespo, um elemento identitário repleto de significados que evoca certas tradições da cultura afro-brasileira e sua historicidade. Por meio da assunção do cabelo crespo, do uso do turbante e de outras práticas que remetem a uma estética pautada pelas culturas africanas e afro-brasileira, a população negra tem promovido o enfrentamento ao racismo e ao padrão de beleza pautado pela branquitude.

O uso do turbante aciona pertença identitária e remete à história do povo negro em diáspora e a conceitos caros ao movimento negro no Brasil e fora dele.



Foto: Marcello Casal. Agência Brasil.

Recebido em: 06/06/2017

Aprovado em: 04/07/2017

NOTAS

¹ Em respeito à pessoa diretamente envolvida optou-se por utilizar apenas as iniciais de seu nome.

² Ver o texto *Tirem as mãos dos nossos símbolos de luta*, de Eliane Oliveira. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2013/11/27/tirem-maos-simbolos-luta/>>. Acesso em: 05 jun. 2017

³ Marcha do Empoderamento Crespo: ver página do coletivo sob o mesmo nome no Facebook. Trata-se de um coletivo de Salvador (Bahia), dedicado a promover ações de valorização do cabelo crespo e enfrentamento ao racismo. Há coletivos similares em outras regiões do Brasil como "Manifesto Crespo" e "Coletivo Encrespa" de São Paulo e o "Meninas Black Power" do Rio de Janeiro.

⁴ Alguns dos casos noticiados pela mídia em que pessoas negras foram hostilizadas pelo uso do cabelo crespo natural ou instadas a fazer chapinha ou alisamento para garantir empregabilidade: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/justica-condena-loja-indenizar-vendedora-obrigada-alisar-cabelo-18983944>>.

<<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2011/12/estagiaria-negra-e-forcada-alisar.html>>.

<<https://estilo.uol.com.br/beleza/listas/nao-consigo-emprego-por-causa-do-meu-cabelo-afro-veja-casos-de-racismo.htm>>.

Caso da jornalista que ao tentar renovar o passaporte teve a fotografia recusada pelo sistema da Polícia Federal devido ao cabelo crespo: <<http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/sistema-de-passaporte-da-pf-recusa-pessoas-com-cabelo-afro-1606656>>.

⁵ Abdias do Nascimento (1914-2011). Paulista de Franca, viveu a maior parte da vida no Rio de Janeiro. Fundador do Teatro Experimental do Negro, organizador do 1º Congresso do Negro Brasileiro em 1950. Foi deputado federal, senador, Secretário de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Estado do Rio de Janeiro e o primeiro titular da Secretaria Estadual de Cidadania e Direitos Humanos. Escreveu obras importantes para a compreensão da questão racial e da cultura negra no Brasil como *O quilombismo* (1980), *O negro revoltado* (1982) e *Orixás: os deuses vivos da África* (1995). É um dos ativistas mais respeitados na história do movimento negro brasileiro. Fonte: IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros. Disponível em: <<http://www.abdias.com.br/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

⁶ Configura-se como "um complexo movimento de ideias, teorias, arranjos e visões de mundo surgido na primeira metade do século XIX, a partir dos contatos entre negros da Grã-Bretanha, Antilhas, EUA e lideranças do continente africano. Trata-se uma resposta às teorias raciais desenvolvidas ao longo do século XIX, a exemplo da poligenia e do darwinismo social" (LIMA, 2011).

REFERÊNCIAS

- BENEDICTO, Ricardo Matheus. *Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro*. Tese (doutorado), USP. São Paulo, 2016.
- BORTOLOZO, Luciana Ferreira. *A polêmica sobre a apropriação cultural e a necessidade do debate fora das redes*. Consultor Jurídico, publicado em 17 de dezembro de 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-dez-17/luciana-bortolozzo-apropriacao-cultural-necessidade-debate>>. Acesso em: 5 jul. 2017.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª edição. Col. Memória e Sociedade. Difel: Algés, 2002.
- GARCIA, Carla Cristina. *Os novos feminismos e os desafios para o século 21*. Revista *Cult*, n. 199, 2015, pp. 52-55. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2015/03/os-novos-feminismos-e-os-desafios-para-o-seculo-21/>>. Acesso em: 21 set. 2015.
- GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Ação Educativa. São Paulo, 2002. Disponível em: <www.acaoeducativa.org.br/.../Corpo-e-cabelo-como-simbolos-da-identidade-negra.pdf>. Acesso em: 28 maio 2017.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Resistência e revolta nos anos 1960: Abdias do Nascimento*. Revista *USP*, São Paulo, n. 68, pp. 156, 167, dez.-fev. 2005-2006.
- LEMOS, Marina Gazire. *Ciberfeminismo: novos discursos do feminismo em redes eletrônicas*. Dissertação (mestrado). PUC-SP, 2009.
- LIMA, Dulcilei da Conceição. *Desvendando Luíza Mahin: um mito libertário no cerne do feminismo negro*. Dissertação (mestrado), Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.
- LIMA,IVALDO MARCIANO DE FRANÇA. *Todos os negros são africanos? O Pan-Africanismo e suas ressonâncias no Brasil contemporâneo*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUHIVALDO2011\[1\].pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1309546368_ARQUIVO_Trabalho_completoANPUHIVALDO2011[1].pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2017.
- LODY, Raul. *Cabelos de axé: identidade e resistência*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2004.
- LOVEJOY, Paul. *Jihad e escravidão: as origens dos escravos muçulmanos da Bahia*. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, 2000, pp. 11-44. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v1n1/2237-101X-topoi-1-01-00011.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2017.
- MACHADO, Jorge Alberto S. *Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os momentos sociais*. Revista *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, n. 18, jul./dez.2007, pp. 248-285. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/5657>>. Acesso em: 2 jun. 2017.
- MALTA, Renata Barreto; OLIVEIRA, Laila Thaise Batista de. *Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual*. In: Dossiê Mulheres Negras: experiências, vivências e ativismos. Revista *Gênero*, Niterói, v.16, n. 2, pp. 55-69, 1ª sem. 2016. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/811>>. Acesso em: 5 fev. 2017.
- MATOS, Lidia de Oliveira. *"Não é só cabelo, é também identidade": transição capilar, luta política e construções de sentido em torno do cabelo afro*. Anais 30ª Reunião Brasileira de Antropologia. João Pessoa: 2016. Disponível em: <www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-0059-1.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.
- MATOS, Edila Maria dos Santos. *Cachear e encrespar: moda ou resistência? Um estudo sobre a construção identitária do cabelo afrodescendente em blogs*. Dissertação (mestrado), UnB. Brasília, 2015.
- PAIM, Márcio. *Pan-africanismo: tendências políticas, Nkrumah e a crítica do livro Na casa de meu pai. Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, ano VII, n. XIII, julho/2014.

PAIVA, Carlos Eduardo Amaral de. **Black Pau: a soul music no Brasil nos anos 1970**. Tese (doutorado), UNESP. São Paulo, 2015.

PINHEIRO, Lisandra Barbosa Macedo. **Negritude, apropriação cultural e a "crise conceitual" das identidades na modernidade**. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427821377_ARQUIVO_LISANDRA-TEXTOCOMPLETOANPUH2015.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

PRIMO, Alex. Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade. In: **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **A apropriação cultural é um problema do sistema, não de indivíduos**. Revista on-line *AzMina*. Texto publicado em 5 de abril de 2016. Disponível em: <<http://azmina.com.br/2016/04/apropriacao-cultural-e-um-problema-do-sistema-nao-de-individuos/>>. Acesso em: 6 jul. 2017.

SANTOS, Ana Paula Medeiros T. dos; SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Eugenia no Brasil: os discursos sobre gênero, raça e nação e o branqueamento estético. Anais Jornadas Latino-americanas de estudos sociais da ciência e da tecnologia. Disponível em: <http://www.esocite2016.esocite.net/resources/anais/6/1471464277_ARQUIVO_ArtigoANAPAUAMTSANTOSMARINESRSANTOS.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

SOUZA, Mônica Dias. **Escrava Anastácia e pretos-velhos: a rebelião silenciosa da memória popular**. In: SILVA, Vagner Gonçalves (Org.). **Imaginário, cotidiano e poder**. São Paulo: Selo Negro, 2007.

SOUZA, Vanessa Raquel Lambert de. **O vestuário do negro na fotografia e na pintura: Brasil, 1850-1890**. Dissertação (mestrado), UNESP – Instituto de Artes, São Paulo, 2007.

THOMÉ, Clarissa. **Turbante na vida, no nome e no documento**. **O Estado de São Paulo**, 13 de março de 2017. Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,turbante-na-vida-no-nome-e-no-documento,70001696911>>. Acesso em: 28 maio 2017.